



**O PERFIL DO PROFISSIONAL DOCENTE:
Identidade e Desejo**

Projeto de Pesquisa

Aluna: Grazielle Carvalho de Paula
Orientador: Prof. Alessandro Campos Piantino

BRASÍLIA - DF
ABRIL - 2017

RESUMO

O objetivo desse pré-projeto é investigar o perfil do sujeito-professor, enquanto agente mediador, na composição dos fatores de ordem do desejo os quais justificam a escolha, para além do contexto histórico social, do professor-sujeito do conhecimento das Faculdades Icesp Promove de Brasília. Para tanto, foi eleito, como bases referenciais, as noções de inconsciente contida na primeira e segunda tópicos em Freud (1900); assim como análises e fundamentações do sujeito, do desejo, da transferência, por intermédio de Lajonquère (2010), Blanchard-laville (2005). A proposta da investigação é qualitativa, a partir da pesquisa de campo, e tem por instrumento o questionário - objetivando o levantamento do perfil do sujeito - e a entrevista a fim de que os dados sejam tratados e interpretados. A análise dos dados será de cunho interpretativo do material escrito e analisado por meio da técnica de análise de conteúdo, na perspectiva Bardin.

Palavras-chave: sujeito-professor, inconsciente, desejo, transferência.

1. INTRODUÇÃO

Na ocasião do Dia Internacional do Professor, em 2008, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) revelaram, conjuntamente, a preocupação com a falta de interesse dos jovens pela profissão, bem como a desvalorização do magistério. Prova disso são a redução do número de formados nos cursos de licenciaturas e a mudança de perfil daqueles que mantêm a docência como escolha profissional (GATTI et al., 2008; GATTI E BARRETO, 2009).

Cenário não diferente na realidade brasileira; o chamado “Levantamento do Todos Pela Educação” confirma a desvalorização do magistério. Dados do censo de 2013 mostram que 51,7% dos professores do Ensino Médio não têm licenciatura na disciplina por eles ministradas e 22% não têm formação docente (ALMEIDA et al., 2014). Perfil este já antecipado por Jesus (2004) quando coloca à prova a seleção da profissão e chama atenção para a redução dos critérios.

As disciplinas como Artes (14,9%), Física (19,2%) e Química (33,7%) estão “entre aquelas com menor número de professores licenciados”, o que difere da disciplina de Língua Portuguesa, em que, segundo o Censo 2013, “é a disciplina com o maior número de professores em sala de aula que se formaram na área (73,2%)” (ALMEIDA et al., 2014, p. 105).

Mesmo diante de um melhor número, a Língua Portuguesa não está fora da problemática levantada sobre a quantidade de formados. Ela faz parte da baixa porcentagem de estudantes que decidem seguir a licenciatura. Para tanto, estudos sugerem explicações para esse descompasso de dados e os motivos que justificam o descrédito da profissão docente,

uma vez que a formação e a manutenção do corpo funcional docente seja de extrema importância.

Diante de tal cenário, fatores relacionados à atratividade da carreira docente fazem parte dos dados apresentados por Almeida et al. (2014). Os resultados revelam que de uma amostra de 1501 alunos pesquisados do Ensino Médio de escolas públicas e particulares apenas 31 (2%) indicaram a licenciatura como primeira opção de ingresso na faculdade.

Sobre o que justifica os números; a pesquisa de Almeida et al. (2014), em função da baixa atratividade pela docência, ficou centrada nos motivos dessa rejeição, sendo: a remuneração, as condições ruins de trabalho, a dificuldade no enfrentamento com os alunos e a ausência de reconhecimento social do professor, além da falta de identificação pessoal e influência familiar, como os principais fatores para a não escolha pela profissão docente, o que propicia um déficit de profissionais especializados e abertura de mercado aos não especializados.

Em outra pesquisa, Corrêa e Reiter (2015), apesar de uma amostra menor, de 527 alunos pesquisados, também de escolas públicas e particulares, apenas 49 (9%) indicaram a licenciatura como primeira opção de ingresso na faculdade. E da mesma forma que a pesquisa de Almeida et al. (2014) os fatores de atratividade pela profissão docente não foram levantados. Além disso, considerando os dados do Censo de 2013, com referência ao distanciamento dos dados apresentados acerca da escolha específica de profissionais de Língua Portuguesa formados na área (73,2%), soma-se a esta a inquietação daquela para justificar a necessidade dessas reflexões.

Assim, consoante estudo realizado entre professores do Ensino Fundamental II, na busca por compreender a escolha pelo ingresso e pela permanência dos docentes de escolas públicas e privadas, os pesquisadores (BARBOSA, et al.,2015) colheram dados que pautaram as respostas em representações indicativas de uma consciência de profissão respaldada em crenças e representações baseadas em suas experiências prévias para uma identidade profissional.

Fundamentados em Dubar (2005 – 2009), para quem a identidade é um processo de construção de um indivíduo imerso em um contexto histórico social, essa consciência parte de uma construção de uma identidade, em que não há identidade sem alteridade, ou seja, “o indivíduo se constitui a partir do olhar do outro, em um determinado tempo e contexto” (DUBAR, 2005-2009 *apud* BARBOSA, et al. 2015, p. 34027)

Considerando o lugar do outro para a construção da identidade, o indivíduo reconhece-se como professor em função do olhar de seu aluno ao concebê-lo como seu mestre (DUBAR,

2005-2009). E ao que parece, de outro modo, o outrora aluno, agora professor pesquisado, concebe a mesma lógica, em algum momento olhou para seu professor e reconheceu nele seu mestre e teria nesse olhar de reconhecimento da identidade do outro e a escolha da identidade desse outro uma relação hipotética de transferência enquanto manifestação do inconsciente.

Da mesma forma; porém, com relação ao processo de pesquisa, Coracini (2016), em entrevista dada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade do Vale do Sapucaí (Univás/MG), responde à entrevistadora Cavallari (2016) sobre o percurso acadêmico e as experiências pessoais e profissionais, reforçando que as escolhas temáticas privilegiadas em seus estudos tem algo do inconsciente, “algo do desejo do pesquisador e até mesmo do futuro profissional, algo que extrapola a consciência”(CORACINI, 2016, p. 301).

O termo “inconsciente”, ora posto, não é novo para Coracini (2000), que em estudo anterior, com relação à subjetividade e identidade do professor de português, traçou a evolução do termo “identidade”, o qual remonta da antiguidade grega com Descartes, e pressupõe um sujeito consciente, mas que encontra, na segunda metade do século XX, “o sujeito cindido no seu interior, perpassado pelo inconsciente”, efeito dos descentramentos da pós-modernidade, dentre eles, a psicanálise.

Segundo Freud (apud CORACINI, 2000), fundador da psicanálise, nossas identidades e estruturas de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona diferentemente da lógica da razão, uma vez que esta tem o processamento no consciente, sob o domínio do sujeito racional, e aquela em constante tensão entre desejos recalçados e busca pelos mesmos desejos. O que faz da identidade do professor-mestre um sujeito descentrado, clivado, heterogêneo, perpassado por vozes que provocam identificações de toda sorte e provoca “marcas” em seus discípulos.

Freud (1913 -1914) em *“Algumas reflexões sobre a psicologia escolar”*, de modo exemplificativo, imagina o encontro com um antigo professor e resgata da memória as hipóteses e as interpretações errôneas, as marcas negativas e positivas, efeitos dos primeiros contatos com a ciência que o fizera escolher o caminho profissional e faz uma reflexão sobre o que mais teria influência a um jovem estudante.

Sobre essa reflexão de Freud, Lajonquère (2010, p. 64-65) diz que “Freud, perguntando a si mesmo sobre aquilo que o teria embaraçado mais nas aulas, responde que não foi a exposição em si das ciências, mas a atenção pela personalidade de seus professores.” Não se tratando da personalidade em seus aspectos de manifestação, mas “daquilo que escapa à observação e que, no entanto, anima a fala do professor.” Isto é, o desejo, “que condena o

homem a estar sempre meio fora de foco consigo mesmo e, portanto, lançando à impossibilidade de pretender ser também sempre outro”(LAJONQUÈRE, 2010, 57).

Desse modo, qual o lugar do professor enquanto agente mediador que o faz sujeito da sua própria identidade profissional? Quais fatores, para além do contexto histórico social, – enquanto manifestação do inconsciente – alcançam o aluno ao ponto de construir nele a mesma identidade profissional? Seria o profissional de Língua Portuguesa, em função do maior número com formação na área em sala de aula, segundo o Censo 2013, o detentor de maior ampliação desse desejo?

Esta pesquisa cumpre, assim, o objetivo de investigar o lugar do sujeito-professor, enquanto agente mediador, na composição dos fatores de ordem do desejo os quais justificam a escolha, para além do contexto histórico social, do ingressante em licenciatura, futuro professor-sujeito, profissional em Língua Portuguesa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Distante de uma prática pedagógica reducionista, as concepções teóricas subjacentes aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e ao trabalho empreendido pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) “já privilegiam a dimensão interacional e discursiva da língua e definem o domínio dessa língua como uma das condições para a plena participação do indivíduo em seu meio social” (ANTUNES, 2003, p.22)

Considerando que a linguagem tem, em sua ordem, um direcionamento psíquico e determinado por esse meio social referido por Antunes (2003), a Língua Portuguesa é o resultado dessa composição e, a partir de um sistema de sons vocais, faz-se compreender por um determinado grupo. Desse modo, seja o professor o mediador desse compreender, há de se estabelecer diante desse ambiente com vistas a perceber o seu lugar enquanto sujeito que provoca marcas.

A organização desse objeto estrutural e político, a língua, tem, em seu conjunto, uma infinidade de signos – significados e significantes – convencionados para um objetivo comunicacional, marcas simbólicas que visam alcançar o educando, mas que não se trata, aqui, do conteúdo Língua Portuguesa, e, sim, daquilo que possibilita ao sujeito-estudante “conquistar para si um lugar numa história, mais ou menos familiar, e, dessa forma, poder se lançar às empresas do desejo” (LAJONQUÈRE, 2010, 63).

Freud (1900), em *A interpretação dos sonhos*, teoriza a primeira e a segunda tópica, o que permite compreender que esse desejo referido por Lajonquère (2010) é, para Freud, a

primeira experiência de satisfação. Na primeira tópica, fica designada a constituição do aparelho psíquico: inconsciente, pré-consciente e consciente. Já a segunda tópica estrutura esse aparelho psíquico em *id*, pólo pulsional da personalidade; *ego*, representante da totalidade da pessoa; e o *superego*, instância crítica. Enquanto naquela os conteúdos recalcados têm a recusa de acesso ao sistema pré-consciente/consciente pela ação do *recalque* e para o acesso necessário é submetem-se às deformações da censura, nestes os três sistemas estão em interação e “nessa ótica ao mesmo tempo tópica e dinâmica, o vetor do movimento é criado pelo desejo entendido como desejo inconsciente, ao qual se opõe a defesa. (BLANCHARD-LAVILLE, 2005, P. 62-63).

A origem desse desejo encontra-se no reinvestimento psíquico de um traço mnêmico de satisfação ligado à identificação de uma excitação pulsional, seja, por exemplo, a percepção específica à nutrição, em que a excitação é produzida pela necessidade, associando a imagem mnêmica para uma próxima vez em que essa necessidade for despertada, recriada pela alucinação, o que reevocará a satisfação original, mesmo que metaforicamente, e “uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo” (FREUD, 1900, Ed. St. Br., 1987, p 516).

Em 1911, Freud, afirma que a educação estimula o “vencimento do princípio do prazer e a substituição do mesmo pelo princípio de realidade”. Sendo esta vinculada ao desejo o qual posiciona o lugar do homem sempre “meio fora de foco consigo mesmo e, portanto, lançando à impossibilidade de pretender ser também sempre outro.” (LAJONQUÈRE, 2010, 57)

Já para Lacan, o desejo situa “entre a necessidade e a demanda, e sua inscrição se dá no registro de uma relação simbólica com o Outro” (ALMEIDA, 1993), ou seja, o desejo é sempre o desejo do Outro. Logo, a falta relacionada ao desejo não poderá ser preenchida por nada que advinha do real, uma vez que é, para sempre, um objeto faltoso, para sempre perdido. (LACAN, 1959-60; 1960-61; 1969-70 *apud* ALMEIDA, 1993, p. 35-37).

Desse modo, Lajonquère (2010) conclui que

“[...]a psicanálise não pode inspirar nenhuma pedagogia, nenhuma proposição sobre o que dizer e o como endereçar a palavra a uma criança. A psicanálise reconhece que só é possível dizer a seco: Diga! Portanto, um educador atravessado pela psicanálise ou, se preferirmos, tocado pela experiência freudiana, em algum momento poderá dizer a seco – sem ouropéis pedagógicos: Vá! Aí o sujeito tem chances de advir. Mas não há garantias, pois nesse instante, a máxima Faustina – “deves adquirir aquilo que herdaste” –, que Freud gostava de lembrar de Goethe, entra em cena mostrando todo seu valor... todo seu valor educativo.” (p.67)

Sobre esse “sujeito” que “tem chances de advir” (LAJONQUÈRE, 2010, p. 67), as notícias residem na modernidade, momento em que o discurso científico é modificado e a razão passa a ser a detentora desse sujeito conduzido pela consciência, ou seja, o

autocentramento do sujeito. A filosofia ocidental com René Descartes (1596-1650), Immanuel Kant (1724-1804) até Edmund Husserl (1859-1938) definem o homem, em seus próprios pensamentos e atos, como o sujeito. Entretanto, será dentre os pensadores promotores de rupturas que surgirá a figura de Freud, para então, modificar, mesmo que indiretamente, a noção desse sujeito, retirando a soberania do eu, da consciência e da razão e dando ao inconsciente o protagonismo e a determinância da subjetividade (TOREZAN; AGUIAR, 2011).

Segundo Torezan e Aguiar (2011, p. 531), a divisão do aparelho psíquico tem por proposta caracterizar o inconsciente “como uma instância psíquica marcada por uma particular maneira de operar, regulado por leis diferentes daquelas ordenadoras da consciência”, ou seja, um sujeito não unificado, “estranho a ele mesmo” (BLANCHARD-LAVILLE, 2005, P. 83).

Para Winnicott (1976 *apud* BLANCHARD-LAVILLE, 2005, 83), a noção do “eu”, do original “self”, tem por início a assimilação de si para com o sujeito, que na fala de Cahn (1991) é “uma entidade individual, diferenciada, real e permanente, uma espécie de continente, de fundo estável, permanente e única, [...] presença, certeza impalpável, invisível, silenciosa e contudo essencial, ao mesmo tempo igualmente constitutiva do sujeito e a realidade viva”

Realidade esta que, se o objetivo é o desejo, na visão de Ljonquère (2010), pode-se acontecer a educação; no entanto, do contrário, se a mediação se apresenta atravessada pela recusa inconsciente, “a educação pode tornar-se uma fato de difícil acontecimento” (LAJONQUÈRE, 2010, 63-64). Daí a pertinência das reflexões de Freud (1913-1914), quando da exemplificação do encontro do seu mestre e as lembranças que o fizeram escolher determinada profissão:

Como psicanalista, estou destinado a me interessar mais pelos processos emocionais que pelos intelectuais, mais pela vida mental inconsciente que pela consciente. Minha emoção ao encontrar meu velho mestre-escola adverte-me de que antes de tudo, devo admitir uma coisa: é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. É verdade, no mínimo, que esta segunda preocupação constituía uma corrente oculta e constante em todos nós e, para muitos, os caminhos das ciências passavam apenas através de nossos professores. [...] Nós os cortejávamos ou lhes virávamos as costas; imaginávamos neles simpatias e antipatias que provavelmente não existiam; estudávamos seus caracteres e sobre estes formávamos ou deformávamos os nossos. Eles provocavam nossa mais enérgica oposição e forçavam-nos a uma submissão completa; bisbilhotávamos suas pequenas fraquezas e orgulhávamo-nos de sua excelência, seu conhecimento e sua justiça. No fundo, sentíamos grande afeição por eles, se nos davam algum fundamento para ela, embora não possa dizer quantos se davam conta disso. Mas não se pode negar que nossa posição em relação a eles era notável, uma

posição que bem pode ter tido suas inconveniências para os interessados. Estávamos, desde o princípio, igualmente inclinados a amá-los e a odiá-los, a criticá-los e a respeitá-los. A psicanálise deu o nome de ‘ambivalência’ a essa facilidade para atitudes contraditórias e não tem dificuldade em indicar a fonte de sentimentos ambivalentes desse tipo. (p.286)

Assim, o que de fato escapa ao estudante é muito mais a personalidade, ou seja, a pessoa desejosa do sujeito; que, necessariamente, a ciência, ou melhor, o conteúdo. “A palavra com chances de educar é essa palavra marca da sujeição do adulto à castração. Isto é, essa palavra testemunho do que escapa à ciência do sujeito. As outras são palavras vazias que entram por uma orelha e saem pela outra, pois são puros blá-blá-blá.” (LAJONQUÈRE, 2010, p. 66-67)

Desse modo, Almeida (1993, p. 42) conclui que o desejo, enquanto parte da subjetividade – sendo a linguagem e o inconsciente as outras duas –, posiciona-se diante das relações entre professor e estudante, a partir de sua cadeia de significantes, “sustentando, por seu dinamismo próprio, o circuito pulsional e marcando o que se pode denominar, do lado do aluno, desejo de saber, e do lado do professor, desejo de poder” (ALMEIDA, 1993, P. 42).

De acordo com Almeida (1993), é por meio do conceito psicanalítico de transferência que o desejo alcança a relação ensinar-aprender. Foi no famoso caso Dora, relatado no *Fragmento da análise de um caso de histeria*, em que Freud (1901), relata: “toda uma série de experiências psíquicas é revivida, não como algo passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico” (FREUD, 1901, p. 110 apud ALMEIDA, 1993, P. 42).

Considerando ainda o desejo como elemento pertencente na relação ensinar-aprender, Almeida (1993, p. 42) concorda quanto à ligação da transferência sempre a um desejo, ou seja, “transfere-se para alguém um sentido que se relaciona a um desejo, cuja expressão, ao nível transferencial, pode ser de hostilidade, de agressividade, de amor, e que, psicanaliticamente falando, refere-se a experiências vividas primitivamente com as figuras parentais.”

Na relação professor-estudante; o aprendiz, determinado pelo desejo, atribui ao mestre um sentido especial. Sobre isso Almeida (1993, p. 43) conclui que o professor passa a ser “depositário de algo que lhe foi conferido pelo desejo do outro”. A pesquisadora utiliza-se ainda de Kupfer (1989) para, de outro modo, ratificar que:

[...] o analista ou o professor, colhidos pela transferência, não são exteriores ao inconsciente do sujeito, mas o que quer que digam será escutado a partir desse lugar onde estão colocados. Sua fala deixa de ser objetiva, pois é escutada ‘através’ dessa especial posição que ocupa no inconsciente do sujeito. Ou ainda: ‘na relação professor-aluno a transferência se produz quando o desejo de saber do aluno se

aferra a um elemento particular, que é a pessoa do professor. (KUPFER, 1989, p. 91-92 *apud* ALMEIDA, 1993, p. 43)

Com relação a essa escuta do inconsciente, Blanchard-Laville (2005, P. 41) fundamentada em Daniel e Michèle Silvestre (1987), assevera não tratar o inconsciente de forma isolada, pois ele existe na fala, na escrita, na escuta, ou seja, ele é “lugar em que são armazenadas as determinações do sujeito, e a transferência como o movimento, o processo pelo qual essas determinações são reveladas pela palavra” (SILVESTRE, 1987, *apud* BLANCHARD-LAVILLE, 2005, p. 41)

Concluindo, “se aceitamos iluminar a situação de ensino com esse projetor, alguns comportamentos inexplicados até então, comportamentos de alunos e comportamentos de professor(es), por exemplo, têm de ser reinterpretados” (BLANCHARD-LAVILLE, 2005, P. 45), pois para além deles próprios, são atores de algo do outro, ou melhor, por meio do movimento de apropriação, identificam-se com o outro e vice-versa. Contudo, há de se considerar que se trata de um processo inconsciente, logo, só observável de maneira indireta, ou por sublimação, quando se torna consciente (BLANCHARD-LAVILLE, 2005, P. 104-105).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Natureza da pesquisa

A investigação tem caráter qualitativo por entender que as características propostas do investigador, como elemento constituinte do objeto em estudo, mesmo se utilizando de instrumentos, tem, nos dados – recolhidos em formas de palavras e complementados pela informação obtida através do contato direto –, a análise indutiva dos questionamentos aos sujeitos de investigação.

3.2. O contexto

O universo acadêmico possui professores com identidades sociais diversas e, dentre os professores das Faculdades Icesp Promove de Brasília, há de se supor que a escolha pela docência esteja vinculada ao reconhecimento do sujeito-professor. Os professores são os interlocutores dessas relações subjetivas do cotidiano que resultam em identificações sobre as competências.

3.3. Instrumentos

Questionário para tratamento do perfil dos sujeitos pesquisados entrevista semi-estruturada com fim de tratamento dos dados colhidos.

3.4. Participantes

Professores das Faculdades Icesp Promove de Brasília

3.5. Análise dos dados

Tratamento do perfil da amostra selecionada por meio de questionário e análise das entrevistas, na perspectiva de Bardin, interpretando o material escrito por meio da técnica adaptada da análise de conteúdo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de. **Das memórias educativas: a emergência da história singular do professor e sua relação com o saber.** In: O DECLÍNIO DOS SABERES E O MERCADO DO GOZO. 8., 2010, São Paulo. **Anais eletrônicos...FE/USP.** Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032010000100027&lng=pt&nrm=abn>. Acesso em: 11 Jun. 2016.

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte. **O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender.** Temas em Psicologia (1993), N°1. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v1n1/v1n1a06.pdf>> Acesso em 05 Nov. 2016.

ALMEIDA, Patrícia Albieri; TARTUCE, Gisela Lobo B. P.; NUNES, Marina Muniz Rossa. **Quais as razões para a baixa atratividade da docência por alunos no ensino médio.** PSICOLOGIA: ENSINO & FORMAÇÃO | 2014, 5(2): 103-121. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pef/v5n2/v5n2a07.pdf>> Acesso em: 10 Abril 2017.

BARBOSA, Rafael Conde; MIRANDA, Camila Lima; ALFONSI, Selma Oliveira; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **Ingresso e permanência na docência: uma escolha?** Formação de Professores, Complexidade e Trabalho Docente. PUCPR 26 a 29/10/2015. Disponível em<http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16532_7316.pdf> Acesso em: 10 Abril 2017.

BLANCHARD-LAVILLE, Claudine. **Os professores entre o prazer e o sofrimento.** São Paulo, SP: Loyola, 2005.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria; CAVALLARI, Juliana Santana. **Entrevista [com Maria José Rodrigues Faria Coracini, por Juliana S. Cavallari],** Entremeios [Revista de Estudos do Discurso], Seção Entrevista, Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre (MG), vol. 13, p. 301-310, jul. - dez. 2016. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/published/392.pdf>> Acesso em: 10 Abril 2017.

CORACINI, Maria José R. Faria. **Subjetividade e identidade do professor de português.** Trab. Ling. Apl., Campinas, (36): 147-158, Jul./Dez. 2000. Disponível em< <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/view/2509>> Acesso em: 10 Abril. 2017.

CORRÊA, Evandro Antônio; REITER, Suzete Verginia de Souza. **Carreira docente, crenças na formação do professor: revisando paradigmas.** Formação de Professores, Complexidade e Trabalho Docente. PUCPR 26 a 29/10/2015. Disponível em< http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20421_10304.pdf> Acesso em: 10 Abril 2017.

FERRARI, Pâmela P.F.L; MAGALHÃES, Livia D.R. **O conceito de memória na obra freudiana:** breves explanações. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v. 5, n. 1, p. 109-118, jun. 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v5n1/a08.pdf>> Acesso em: 25/06/16

GATTI, B A. et al. **Formação de professores para o ensino fundamental:** instituições formadoras e seus currículos; relatório de pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Fundação Vitor Civita, 2008. 2v.

GATTI, B. A., BARRETTO, E. S. S. **Professores do Brasil:** impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

JESUS, S. N. de **Desmotivação e crise de identidade na profissão docente.** Revista Katálysis, v. 7, n. 2, p. 192-202, 2004.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **Figuras do infantil: a psicanálise na vida cotidiana com as crianças.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. **O sujeito da Psicanálise: Particularidades na Contemporaneidade.** Revista Mal-Estar e Subjetividade – Fortaleza – Vol. XI – Nº2 P. 535-554 – Jun/2011.